

**PET Indígena**

18 de junho de 2020 · 🌐



Me chamo Gracilene Monteiro Narciso, tenho 24 anos, sou indígena da etnia Galibi-Marworno, da Aldeia Kumarumã, Terra Indígena Uaçá, Oiapoque, no Amapá. Sou acadêmica do curso de Ciências Biológicas e, devido aos estudos, passei a morar no Oiapoque.

Antes da pandemia chegar ao Brasil eu estava muito feliz e satisfeita, mas quando foi confirmado o primeiro caso no Brasil fiquei triste, muito pensativa. Como esse vírus circula muito rápido, sabia que cedo ou tarde iria chegar no estado do Amapá também. Quando assisti o noticiário local e foi anunciado o primeiro caso confirmado no Amapá caiu a minha ficha, fiquei muito preocupada, tinha noites que eu não conseguia dormir direito de tanta preocupação.

Eu tinha acabado de iniciar o quarto semestre do curso, tinha muitas expectativas de adquirir novos conhecimentos e somar com as minhas amigas da minha turma, como sempre fizemos em outros semestres. Também tinha planejado viajar com a minha amiga para conhecer a cidade dela, no mês de julho, nossas férias. Mas, infelizmente, as atividades acadêmicas foram suspensas devido à chegada da Covid-19 no Amapá. Fiquei muito preocupada com o semestre mas, principalmente, com minha família, meu povo e os demais povos indígenas na região do Oiapoque-Ap. Nós, indígenas, possuímos imunidade baixa para gripes e fazemos parte do grupo de risco. Ficou muito difícil para mim, pensava nas consequências dessa doença e na ausência de estrutura adequada nos hospitais do Estado do Amapá.

Já que não tinha aula para mim, entrei em contato com o meu pai, foi quando ele me pediu para ir para a aldeia me isolar junto com eles. Falei que sim, aí, no dia seguinte, uma tia minha me ligou para me avisar que ela tinha conseguido uma passagem para mim, seguimos para a aldeia.

Logo na nossa chegada à aldeia, o Cacique, junto com as lideranças e os profissionais da saúde, tomou a decisão de proibir a saída e a entrada de pessoas, mesmo parentes, vindas da cidade. Com a graça de Deus cheguei a tempo na aldeia, antes dessa decisão ser tomada. Tenho acompanhado as notícias sobre essa doença pela TV. Quando deu o primeiro caso confirmado no Oiapoque, aí a preocupação aumentou, pois logo o vírus poderia chegar nas áreas indígenas. Tomamos as possíveis providências de prevenção da doença para não chegar na aldeia, preparamos os nossos remédios caseiros para usarmos contra os sintomas da Covid-19.

O segundo caso confirmado no Oiapoque nos abalou muito, porque era um indígena, um enfermeiro da saúde indígena do DSEI Amapá e Norte do Pará. Minha tia é técnica de enfermagem e teve contato com ele, porque ela estava na Casai, tinha ido para trabalhar na aldeia Kunanã mas, como ela tem filho pequeno e não pode ficar longe, pois tem que amamentar o bichinho, o chefe dela a escalou para ir trabalhar na nossa aldeia mesmo. Então, ela voltou para a comunidade do Kumarumã, mas quando os profissionais da saúde souberam que ela teve contato com o enfermeiro que atestou positivo para Covid, os profissionais da saúde foram até nossa casa pedir para ela ficar de isolamento durante 14 dias, se não apresentasse sintomas durante os 14 dias voltaria ao trabalho.

Ela ficou até completar os 14 dias e não apresentou nada de sintoma, mas, durante esses 14 dias, as pessoas estavam com muito medo da gente, porque minha tia poderia estar infectada. Nós também estávamos com medo, pois moramos na mesma casa, mas com a graça de Deus ela não estava infectada.

Depois com um mês e meio na aldeia, eu recebi uma mensagem para vir ao Oiapoque resolver um problema pessoal. Infelizmente, tive que sair da Aldeia 1:00 hora da madrugada, debaixo de chuva, eu sofri muito, esse dia foi muito difícil para mim e ainda carregava muita preocupação, pois indo para a cidade corria mais risco de me contaminar com o vírus.

Passados alguns dias, encaminharam um homem da aldeia para a cidade, pois ele sentia alguns sintomas de Covid há 12 dias. Na cidade fizeram o teste rápido e deu positivo! Quando recebi essa notícia foi muito difícil para mim, não conseguia acreditar, chorei muito de preocupação com a minha família, pois poderiam estar infectados também, porque minha tia trabalha no posto de saúde na aldeia e teve contato com esse senhor que atestou positivo. Minha tia não ficou online por um bom tempo e, nesses momentos sem informação da minha família, foi muito difícil para mim. Em uma segunda-feira bem cedo, minha prima ficou online e me mandou mensagem, avisando que, infelizmente, minha família estava com a Covid-19: meu avô, minha avó, meu irmão e meu pai. Nesse dia fiquei muito para baixo, sem força, chorei muito de preocupação e medo de perder eles para esse vírus, porque são pessoas que eu amo muito. Depois, minha tia ficou online e me mandou mensagens. Perguntei se meus parentes estavam melhorando e ela me disse que sim, que meu avô, minha avó e meu irmão estavam melhorando. Meu pai não, ele estava um pouco mal. Isso me deixou muito preocupada com o meu pai, eu o amo muito, ele é o único que tenho, que me restou. Com o tempo ele melhorou também, com a graça de Deus minha família venceu esse vírus! Mas fiquei triste pela perda de uma senhora na minha aldeia, ela é mãe de uma amiga minha. Semana passada recebi outra notícia triste sobre o meu tio, que estava muito mal, lutando contra o vírus. Para piorar, minha bisavó, de 102 anos, está lutando contra o Covid-19. Estou muito preocupada, pois ela é muito frágil, mas creio que ela vai sair dessa, sempre penso positivo que minha bisavó é mais forte que esse vírus e vai vencer...!

Oiapoque, Amapá, Brasil

14 de junho de 2020

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#)

Je m'appelle Gracilene Monteiro Narciso, j'ai 24 ans je suis indigène de l'ethnie Galibi-Marworno, du village Kumarumã, Terre Indigène Uaçá, Oiapoque, à Amapá. Je suis étudiante du cours de Sciences Biologiques et, à cause des études, j'ai commencé à vivre à Oiapoque. Avant que la pandémie ne vienne au Brésil, j'étais très heureuse et satisfaite, mais quand s'est confirmé le premier cas au Brésil, j'étais triste, très pensive. Comme ce virus circule très rapidement, je savais que tôt ou tard, il allait aussi arrivé dans l'état d'Amapá. Quand j'ai suivi le journal local et a été annoncé le premier cas confirmé à Amapá que j'ai commencé à réaliser, j'étais très inquiète, il y avait des nuits où je n'arrivais pas à dormir à cause de ces préoccupations.

Je venais de commencer le quatrième semestre du cours, j'avais beaucoup d'expectatives d'acquérir de nouvelles connaissances et compter avec mes amies de ma promotion, comme

nous faisons toujours pendant les autres semestres. J'avais aussi prévu voyager avec mon amie afin de connaître sa ville dans le mois de Juillet, pendant nos vacances. Mais, malheureusement, les activités académiques ont été suspendues due à l'arrivée du Covid-19 à Amapá. J'étais très inquiète pour le semestre, mais principalement, pour ma famille, mon peuple mais aussi pour les autres peuples indigènes de la région de Oiapoque-Ap. Nous, indigènes, nous avons une faible immunité pour les grippes et nous faisons partie du groupe de risque. C'était très difficile pour moi, je pensais aux conséquences de cette maladie et à l'absence d'une structure adéquate dans les hôpitaux de l'état d'Amapá.

Déjà que je n'avais pas cours, je suis entré en contact avec mon père, c'était quand il m'a demandé d'aller au village afin de m'isoler avec eux. J'ai dis oui et le jour suivant, une de mes tantes m'a appelé pour me dire qu'elle a réussi à avoir un billet pour moi, puis nous nous sommes rendues au village.

Tout juste à notre arrivée, le Chef, ensemble avec les lidere et les professionnels de la santé ont pris la décision d'interdire la sortie et l'entrée des personnes, même si ce sont des parents, venant de la ville. Avec la grâce de Dieu, j'étais arrivée à temps au village avant que cette décision ne soit prise. J'ai suivi les informations sur cette maladie à la TV. Quand le premier cas a été confirmé à Oiapoque, c'est alors que l'inquiétude a augmenté, parce que bientôt le virus pouvait entrer dans les zones indigènes. Nous avons pris les mesures de prévention possibles pour ne pas que la maladie vienne au village, nous avons préparé nos remèdes maison pour utiliser contre les symptômes du Covid-19.

Le second cas confirmé à Oiapoque nous a beaucoup secoué, parce que c'était un indigène, un infirmier de la santé indigène du DSEI Amapá et Nord de Pará. Ma tante est infirmière auxiliaire et a été en contact avec lui parce qu'elle était à Casai, elle était partie travailler dans le village Kunanã mais, comme elle a un fils en bas-âge et ne peut rester loin, parce qu'il faut allaiter le bébé, son patron l'a remplacé afin qu'elle puisse travailler dans notre village même. Alors, elle est retournée dans la communauté de Kumarumã, mais quand les professionnels de la santé ont su qu'elle avait été en contact avec l'infirmier qui a été testé positif au Covid, ils ont été jusqu'à notre maison demander qu'elle puisse rester en isolement social pendant 14 jours, et si elle ne présentait aucun symptôme durant ces 14 jours, elle pourrait retourner au travail.

Elle est restée à la maison jusqu'à compléter les 14 jours et n'a présenté aucun symptôme, mais durant ces 14 jours, les gens avaient très peur de nous, parce que ma tante aurait pu être infectée. Nous aussi avons peur parce que nous vivons dans la même maison, mais avec la grâce de Dieu, elle n'était pas infectée.

Après un mois et demi au village, j'ai reçu un message pour venir à Oiapoque résoudre un problème personnel. Malheureusement, j'ai dû sortir du village à 01h du matin, sous la pluie, j'ai beaucoup souffert, ce jour a été très difficile pour moi en plus d'être très inquiète car en allant en ville, je courrais le risque de me contaminer avec le virus.

Des jours après, ils ont transféré un homme du village pour la ville, parce qu'il avait certains symptômes du Covid depuis 12 jours. Arrivé en ville, ils ont fait le teste rapide et c'était positif ! Quand j'ai reçu cette nouvelle, c'était très difficile pour moi, je n'arrivais pas à y croire, j'ai pleuré d'inquiétude pour ma famille, parce qu'ils pouvaient être infectés aussi, parce que ma tante travaille au poste de santé du village e a été en contact avec ce monsieur qui a été testé positif.

Ma tante est restée hors ligne pour un bon moment et, pendant ces moments sans nouvelles de ma famille, ce fût difficile pour moi. Un lundi très tôt, ma cousine était en ligne et m'a envoyé un message, disant que, malheureusement, ma famille avait le Covid-19 : mon grand-père, ma grand-mère, mon frère et mon père. Ce jour-là j'étais déprimée, sans force, j'ai beaucoup pleuré d'inquiétude et de peur de les perdre à cause de ce virus, parce que ce sont des personnes que j'aime beaucoup.

Après, ma tante était en ligne et m'envoya des messages. J'ai demandé si mes parents allaient mieux et elle m'a dit oui, que mes grands-parents et mon frère allaient mieux. Mon père non, il allait un peu mal. J'étais très préoccupé pour mon père, je l'aime beaucoup il est la seule personne que j'ai, qui me reste. Avec le temps, il allait mieux aussi, avec la grâce de Dieu, ma famille a vaincu ce virus ! Mais j'ai été triste pour la perte d'une dame dans mon village, elle est la mère d'une de mes amies. La semaine passée, j'ai reçu une autre nouvelle triste par rapport à mon oncle, qui allait très mal, luttant contre le virus. Pour empirer les choses, mon arrière grand-mère, de 102 ans lutte contre le Covid-19. Je suis très inquiète, parce qu'elle est très fragile, mais je crois qu'elle va s'en sortir, je pense toujours positivement que mon arrière grand-mère est plus forte que ce virus et va le vaincre... !

Oiapoque, Amapá, Brasil

14 Jun de 2020.

Traduit par Manuella Adèle Fifamè CHOKKI

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#)

My name is Gracilene Monteiro Narciso, I'm 24 years old, I'm a native of the Galibi-Marworno ethnic group, from the Kumarumã village, Uaçá Indigenous Land, Oiapoque, in Amapá. I am a Biological Sciences student and I had to move to Oiapoque due to my studies.

Before the pandemic reached Brazil, I was very happy and satisfied, but when the first case in Brazil was confirmed, I was sad and very thoughtful. As this virus circulates very fast, I knew that sooner or later it would arrive in the state of Amapá as well. The penny dropped only when I watched the local news and the first confirmed case in Amapá was announced. I was very worried, there were nights when I couldn't sleep properly because I was really concerned.

I had just started the fourth semester of university, I had many expectations of acquiring new knowledge and share it with my friends in classes, as we have always done in other semesters. I had also planned to travel with my friend to visit her city during our vacation in July. But, unfortunately, academic activities were suspended due to the arrival of Covid-19 in Amapá. I was very concerned with the semester, but mainly with my family, my people and the other indigenous peoples in the Oiapoque region. We indigenous people have low immunity to the flu and are part of the risk group. It was very difficult for me, I was thinking about the consequences of this disease and the lack of proper structure in hospitals in the state of Amapá.

Since there was no class for me, I contacted my father, that's when he asked me to go to the village to isolate myself with them. I said yes, then, the next day, an aunt of mine called me to let me know that she had arranged a ticket for me, we went to the village.

Right on our arrival in the village, the tribal chief (cacique), along with the leaders and health professionals, they decided to prohibit the exit and entry of people, even relatives, coming from

the city. With the grace of God, I arrived in time in the village, before that decision was made. I have been following the news about this disease on TV. When the first confirmed case in Oiapoque occurred, then the concern increased, as the virus could soon reach indigenous areas. We took the preventive measures to prevent the disease from reaching the village, we prepared our home remedies to use against the symptoms of Covid-19.

The second case confirmed at Oiapoque shook us up a lot, because he was an indigenous, an indigenous health nurse from the DSEI (Special Indigenous Health District) in Amapá and Norte of Pará. My aunt is a nursing technician and had contact with him, because she was at Casai (Indigenous Health Support Center). She went to the Kunanã village to work but since she has a small child, she cannot stay away for too long, because she has to breastfeed the little boy. So, she went back to the Kumarumã community, but when the health professionals got to know that she had contact with the nurse who tested positive for Covid, the health professionals came to our house to ask her to stay in quarantine for 14 days, if she did not show any symptoms during the 14 days she would go back to work.

She fulfilled the 14 days of self-isolation and did not show any symptoms, but during those 14 days, people were very afraid of us, because my aunt could be infected. We were also afraid because we live in the same house, but with the grace of God she was not infected.

After a month and a half in the village, I received a message to go to Oiapoque to solve a personal problem. Unfortunately, I had to leave the Village at 1:00 am, in the rain, I suffered a lot. That day was very difficult for me and I was still very worried, because going to the city I would be more at risk of being infected with the virus.

After a few days, they sent a man from the village to the city, because he had been diagnosed with some symptoms of Covid for 12 days. In the city, they did the rapid test and it was positive! It was very difficult for me when I got this news, I couldn't believe it. I cried a lot of concern for my family, because they could be infected too, because my aunt works at the health clinic in the village and had contact with this gentleman who tested positive. I did not see my aunt online on social media for a long time and, in those moments without information from my family, it was very difficult for me. On a very early Monday, my cousin texted me saying that unfortunately my family was with Covid-19: my grandfather, my grandmother, my brother and my father. That day I was very down, without strength, I cried a lot because I worried and I was afraid of losing them to this virus, since they are people that I love so much.

Then my aunt texted me. I asked if my relatives were getting better and she said yes; my grandfather, grandmother and brother were getting better. Not my father, he was a little bad. This made me very worried about my father, I love him very much, he is the only one I have. As time passed by, he got better too, with the grace of God my family won the war against this virus! But I was sad by the loss of a lady in my village, she is the mother of a friend of mine. Last week I received another sad news about my uncle, who was very ill, fighting the virus. Worst of all, my great-grandmother, 102, is fighting Covid-19. I am very worried, because she is very fragile, but I believe she will recover. I always think positive that my great-grandmother is stronger than this virus and will get better ...!

Oiapoque, Amapá, Brazil

June 14th, 2020.

Translated by Gabriel Eudes de Amorim Lima

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#)

Mi nombre es Gracilene Monteiro Narciso, tengo 24 años, soy indígena de la etnia Galibi-Marworno, de la aldea Kumarumã, tierra indígena Uaçá, Oiapoque, en Amapá. Soy académica del curso de Ciencias Biológicas y, debido a los estudios, pasé la vida en Oiapoque.

Antes de que llegara la pandemia a Brasil estaba muy feliz y satisfecha, pero cuando se confirmó el primer caso en Brasil estaba triste, pensando mucho. Como este virus circula muy rápido, supe que tarde o temprano llegaría al estado de Amapá también. Cuando vi las noticias locales y se anunció el primer caso confirmado en Amapá, entendí lo que vendría, estaba muy preocupada, hubo noches que no podía dormir de tanta preocupación.

Acababa de empezar el cuarto semestre del curso, tenía muchas expectativas de adquirir nuevos conocimientos y compartir momentos con mis amigos en clase, como siempre lo hacíamos en otros semestres. También había planeado viajar con mi amiga para ver su ciudad en julio, nuestras vacaciones. Pero desafortunadamente, las actividades académicas fueron suspendidas debido a la llegada de Covid-19 a Amapá. Estaba muy preocupada por el semestre, pero principalmente con mi familia, mi pueblo y los otros pueblos indígenas de la región de Oiapoque-AP. Se me hizo muy difícil, pensé en las consecuencias de esta enfermedad y la ausencia de una estructura adecuada en los hospitales del estado de Amapá. Como no tenía clase, me puse en contacto con mi padre, fue cuando me pidió que fuera al pueblo para aislarme junto con ellos. Dije que sí, al día siguiente, una tía mía me llamó para hacerme saber que tenía un boleto para mí, fuimos al pueblo.

A nuestra llegada al pueblo, el Cacique, junto con los líderes y profesionales de la salud, tomaron la decisión de prohibir la salida y entrada de personas, incluso familiares, de la ciudad. Con la gracia de Dios llegué a tiempo al pueblo, antes de que se tomara esta decisión. He estado siguiendo las noticias sobre esta enfermedad en la televisión. Cuando dio el primer caso confirmado en Oiapoque, la preocupación aumentó, porque pronto el virus podría llegar a los pueblos indígenas. Tomamos posibles medidas para prevenir la enfermedad para evitar la llegada a la aldea, preparamos nuestros remedios caseros, para usar contra los síntomas del Covid-19.

El segundo caso confirmado en Oiapoque nos sacudió mucho, porque era un indígena, un enfermero de salud indígena de la DSEI Amapá y Pará del Norte. Mi tía es una técnica em enfermería y tuvo contacto con él, porque estaba en Casai, había ido a trabajar a la aldea de Kunanã, pero, como tiene un hijo pequeño y no puede mantenerse alejada, debido a que tiene que amamantarlo; su jefe decidió que trabajaría en nuestro pueblo. Luego regresó a la comunidad de Kumarumã, pero cuando los profesionales de salud se enteraron de que tuvo contacto con el enfermero que dio positivo para Covid, vinieron a nuestra casa para pedirle que estuviera aislada durante 14 días, si no mostraba síntomas después de esos días volvería al trabajo.

Se quedó hasta completar los 14 días y no tenía síntomas, pero durante estos días, la gente nos tenía mucho miedo porque mi tía podría estar infectada. También teníamos miedo, porque

vivíamos en la misma casa, pero con la gracia de Dios ella no estaba infectada.

Después de un mes y medio en la aldea, recibí un mensaje para venir a Oiapoque para resolver un problema personal. Desafortunadamente, tuve que dejar la aldea 1:00 a.m. bajo la lluvia, sufrí mucho, ese día fue muy difícil para mí y todavía llevaba mucha preocupación, porque ir a la ciudad estaba más en riesgo de contaminarme con el virus.

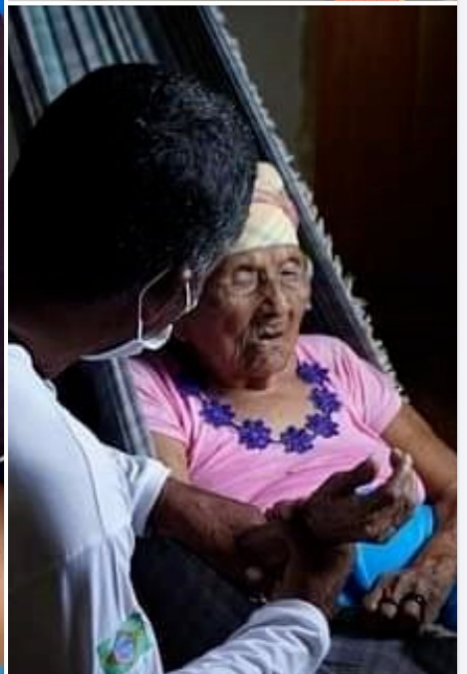
Unos días más tarde, enviaron a un hombre del pueblo a la ciudad, ya que había estado sintiendo algunos síntomas de Covid durante 12 días. En la ciudad le hicieron la prueba rápida y resultó ¡positivo! Cuando recibí esta noticia fue muy difícil para mí, no podía creerlo, lloré de mucha preocupación por mi familia, porque también podían estar infectadas, porque mi tía trabaja en el centro de salud de la aldea y tuvo contacto con este caballero que dio positivo. Mi tía no estuvo en línea durante mucho tiempo y, en esos momentos sin información de mi familia, fue muy difícil para mí. Un lunes temprano, mi prima se puso en línea y me envió un mensaje de texto, advirtiéndome que, por desgracia, mi familia estaba con Covid-19: mi abuelo, mi abuela, mi hermano y mi padre. Ese día estaba muy deprimida, sin fuerzas, lloré de mucha preocupación y miedo de perderlos a causa de este virus, porque son personas a las que amo mucho.

Entonces mi tía se puso en línea y me envió mensajes. Pregunte si mis parientes estaban mejorando y me dijo que sí, que mi abuelo, mi abuela y mi hermano estaban mejorando; pero no mi padre, estaba un poco enfermo. Eso me dejó muy preocupada por mi padre, lo quiero mucho, a causa de que es el único que me queda. Con el tiempo también mejoró, con la gracia de Dios mi familia ¡venció al virus! Pero me entristeció la pérdida de una dama en mi aldea, ella es la madre de un amigo mío. La semana pasada recibí otra triste noticia sobre mi tío, que estaba muy enfermo, luchando contra el virus. Para empeorar las cosas, mi bisabuela de 102 años está luchando contra Covid-19, también. Estoy muy preocupada, porque ella es muy frágil, pero creo que va a salir de esto, ¡siempre pienso en positivo que mi bisabuela es más fuerte que este virus y va a vencer ...!


Oiapoque, 14 de junio de 2020.

Traducido por Carlos Armando Reyes Flores

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#)



PET Indígena
Site educacional

 **Enviar mensagem**

  135

8 comentários 73 compartilhamentos